

A UTILIZAÇÃO DE MAPAS NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS) DA ESCOLA MUNICIPAL PROFª MARIA ALEXANDRINA SAMPAIO - NATAL/RN: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Laura Beatriz Peixoto Paiva ¹

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo central explorar a compreensão de mapas por parte dos alunos dos 6º anos A, D e E da Escola Municipal Profª Maria Alexandrina Sampaio. Partindo do pressuposto que, nos dias atuais, existem representações cartográficas para expor e abordar diversas áreas do conhecimento e da vida cotidiana, logo surge a necessidade de fazer com que os alunos das séries supracitadas estejam aptos a interpretar mapas para obterem uma melhor interpretação do contexto em que estão inseridos, assim como a inserção nos mesmos. A metodologia aplicada para a construção deste trabalho está pautada na observação do pesquisador como estagiário, assim como eu sua intervenção participativa em prol do cumprimento do objetivo. Portanto, entende-se que esta pesquisa é válida para o campo da educação, dispondo de uma prática na educação cartográfica que possui um potencial gerador de possíveis mudanças quanto ao ponto de vista da compreensão e inserção dos alunos sobre o seu envolvimento.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Mapas. Representações cartográficas. Intervenção participativa. Educação.

INTRODUÇÃO

Os anos finais do ensino fundamental acometem adolescentes entre 12 e 17 anos, sendo esta uma fase da vida do ser humano que é marcada por uma ampla diversidade de aprendizados e transformações. Quanto à escola não é diferente, é nesse momento que os alunos enfrentam a fragmentação das áreas do conhecimento, o que permite uma abordagem mais profunda e complexa dos conteúdos, ao mesmo tempo que há necessidade dos professores das áreas específicas ultrapassar marcas na educação polivalente.

Para que esta transição ocorra de uma maneira fluída, é necessário reconhecer o espaço escolar como um recorte da sociedade a qual os alunos estão acometidos, pois desta maneira é possível observar amostras do presente contexto sociocultural provenientes das múltiplas realidades vividas pelo aluno. De acordo com Straforini (2002, p. 98):

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, laura.paiva.017@ufrn.edu.



O aluno deve estar inserido dentro daquilo que se está estudando, proporcionando a compreensão de que ele é um participante ativo na produção do espaço geográfico. A realidade tem que ser entendida como algo em processo, em constante movimento, pois a produção do espaço nunca está pronta, encerrada: há uma dinamicidade constante.

Logo, o professor de geografia, partindo deste pressuposto, deve compreender as noções socioespaciais e desenvolvimento cognitivo que aquele determinado grupo de adolescentes possui, fazendo o uso desta análise prévia para construir um planejamento que contribui significativamente na aplicação dos conteúdos em sala de aula.

A partir dessa perspectiva que, somada a observação como estagiária no ensino fundamental (anos finais), observou um déficit considerável quanto à leitura e interpretação de mapas. Sabe-se que os mapas são um grande aliado da Geografia, no contexto escolar, seu uso torna-se um recurso didático de extrema importância para o ensino, quanto para aprendizagem.

De acordo com Oliveira et al. (2016, p. 3):

O domínio da linguagem cartográfica constitui-se num fator de relevância para o desenvolvimento/ensino dos conteúdos da Geografia entre outras disciplinas escolares. A partir desses conhecimentos, os educandos passam a compreender melhor a organização do espaço onde vivem, minimizando dessa forma, as dificuldades nos anos posteriores, quando estes conteúdos se apresentam de forma mais complexa.

No processo de ensino aprendizagem, as representações cartográficas possibilitam a abordagem do espaço vivido, onde o professor tem a tarefa de proporcionar atividades em que os alunos explorem o espaço geográfico. Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de Geografia incluem a linguagem cartográfica e os mapas como conteúdos obrigatórios nas salas de aula (Brasil, 1997).

A cartografia oferece uma linguagem visual que transcende as barreiras linguísticas, permitindo que os alunos comuniquem e interpretem informações espaciais de maneira eficaz. Essas representações não apenas ajudam na compreensão da topografia e da geografia física, mas também possibilitam a análise de fenômenos sociais, econômicos e culturais que moldam o espaço vivido. Os alunos podem explorar temas como distribuição populacional, padrões de urbanização, mudanças ambientais e desenvolvimento econômico, utilizando mapas como ferramentas analíticas para investigar e compreender melhor o mundo ao seu redor.

Portanto, a abordagem do espaço vivido por meio das representações cartográficas não apenas melhora a compreensão do ambiente físico e social, mas também promove o desenvolvimento de competências fundamentais para a formação integral dos estudantes.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida através da observação participante voltada para aplicação de uma atividade de intervenção de pesquisa na escola. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico onde se utilizou como embasamento os trabalhos de OLIVEIRA (2016) e STRAFORINI, R. (2002). Para mais, a fenomenologia da vivência dentro do contexto escolar ao exercer entre as mais diversas funções do ser professor.

O objetivo de explorar a compreensão de mapas por parte dos alunos dos 6º anos A, D e E foi posto como pauta central da pesquisa. Para tal acontecer, foram necessárias cerca de 9 semanas de vivência direta, divididas em etapas de observação, planejamento, aplicação e análise dos resultados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa foi desenvolvida através da observação participante voltada para aplicação de uma atividade de intervenção de pesquisa na escola. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico onde se utilizou como embasamento os trabalhos de Oliveira (2016) e Straforini, R. (2002). Para mais, a fenomenologia da vivência dentro do contexto escolar ao exercer entre as mais diversas funções do ser professor.

O objetivo de explorar a compreensão de mapas por parte dos alunos dos 6º anos A, D e E foi posto como pauta central da pesquisa. Para tal acontecer, foram necessárias cerca de 9 semanas de vivência direta, divididas em etapas de observação, planejamento, aplicação e análise dos resultados obtidos.

A presente atividade de intervenção de pesquisa na Escola Profª Maria Alexandrina Sampaio nas turmas dos 6º ano A, D e E, foi realizada em 5 etapas identificadas em ordem alfabética:

- a) Identificação do comportamento e grau de participação dos alunos;
- b) Reconhecimento do nível de aprendizagem em geografia, observando os pontos positivos e negativos;
- c) Idealização e planejamento de atividade interventiva;
- d) Práticas de atividades interventivas;
- e) Análise de resultados.

Ainda na etapa “a” foi observado um grau de comportamento e nível de aprendizagem intermediário entre os estudantes, alguns participavam bastante das aulas e outros nem tanto, assim como um comportamento variado entre os dias. Após esse período, na etapa “b”, notou-se alguns déficits que, de maneira comum, foram percebidos nas três turmas, entre estes, a dificuldade generalizada de interpretação e, quando adentramos na área da ciência geográfica, isto fica ainda mais evidente com a inabilidade em interpretar imagens, gráficos e mapas, ou seja, uma base limitada de educação cartográfica, sendo um fator preocupante em suas formações.

A cartografia, então, é considerada uma linguagem, um sistema-código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ler e escrever as características do território. Nesse contexto, ela é uma opção metodológica, o que implica utilizá-la em todos os conteúdos da geografia, para identificar e conhecer não apenas a localização dos países, mas entender as relações entre eles, compreender os conflitos e a ocupação do espaço. (Castellar, 2005, p.216).

A partir de então, já na etapa “c”, a proposta interventiva voltada para leitura e interpretação de mapas tornou-se ainda mais viável e assim foi iniciado o planejamento (Apêndice I, II, III e IV). Esta etapa foi fundamental para possibilitar uma aplicação real e produtiva, compreendendo os diferentes fatores que propiciaram ou não resultados positivos para as turmas de acordo com suas características pré-analisadas na etapa “a”.

Com temáticas de aulas em torno do que é nomeado de geografia física como relevo terrestre, hidrografia, clima e vegetação, a viabilidade de trabalhar com mapas tornava-se realizável com facilidade, todavia a questão não é apenas ler o mapa, mas é compreendê-lo a partir de uma visão crítica.

Se dentro do Ensino de Geografia Tradicional, a Cartografia tinha este aspecto de técnica da representação voltada para a leitura e a explicação do espaço geográfico, hoje nas novas correntes de pensamento o aluno deixa de ser um leitor passivo para ser um leitor crítico dos mapas. (Lunkes & Martins, p. 8)

Sendo assim, no decorrer das semanas seguintes as aulas se deram de maneira dialogada, sempre buscando a interação dos alunos com o professor e estagiário, na tentativa de gerar uma reflexão e o início da formação de um pensamento crítico a partir das temáticas abordadas em cima das utilizações dos mapas, estes já disponibilizados em seus livros didáticos (figura 1). Nesse ponto, ressalta-se que diversos recursos metodológicos poderiam ser utilizados em sala de aula, contudo é preciso levar em consideração diversos fatores como

estrutura física e tecnológica da escola que, neste caso, não tem em posse um grande leque de opções.

Figura 1: Mapas presentes no livro didático de geografia do 6º ano A, D e E.



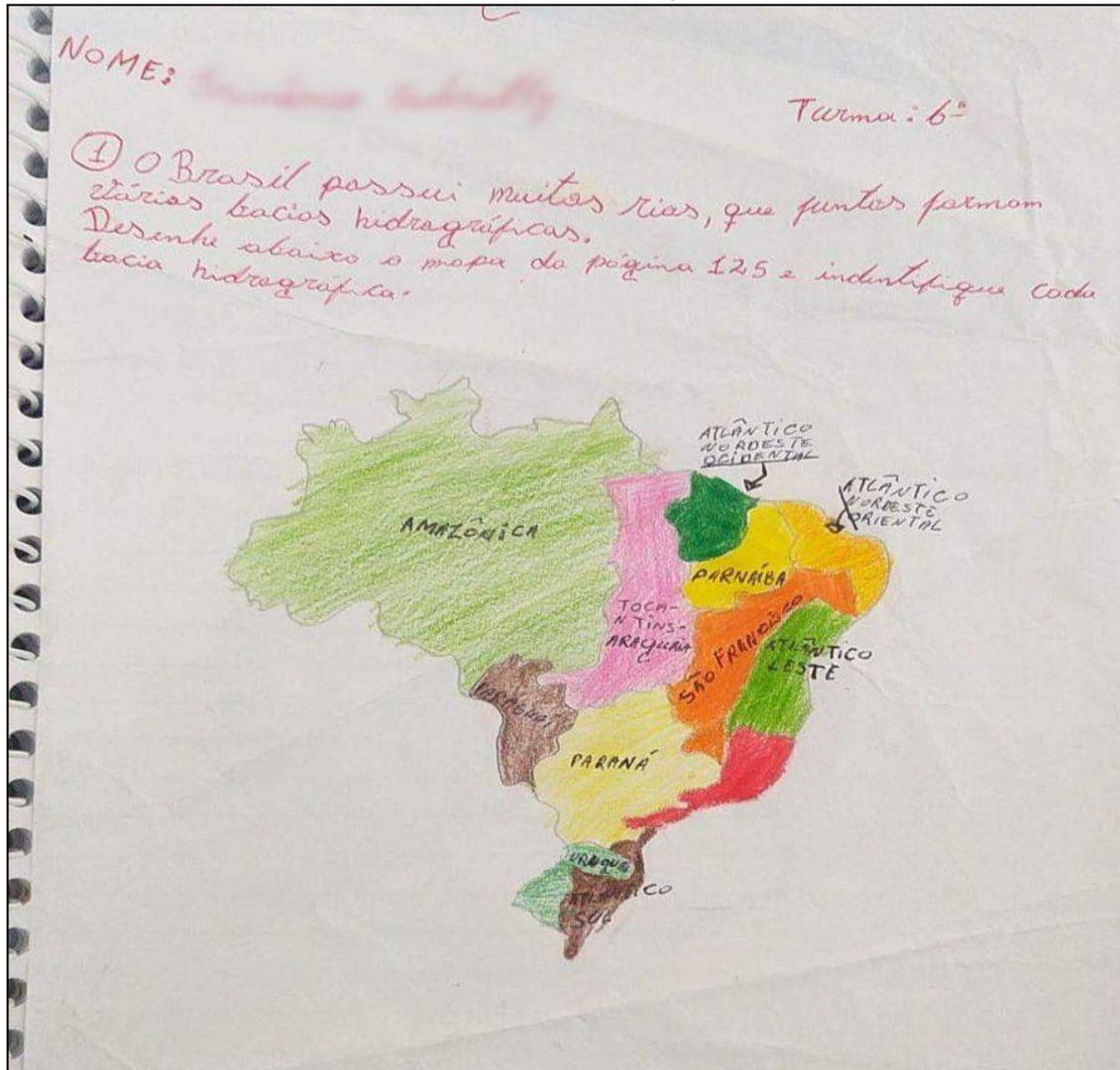
Fonte: Acervo pessoal da autora (2022) a partir dos livros didáticos Araribá Mais Geografia da turma de 6º ano do ensino fundamental (anos finais).

Descrição: a) Página com mapa referentes às bacias hidrográficas do Brasil. | b) Página com mapa das massas de ar que atuam sobre o Brasil.

Com o início da regência das aulas adentra-se na etapa “d”, a qual consiste nas práticas de atividades interventivas que buscam aprimorar as habilidades dos estudantes a ler e interpretar as representações cartográficas. O planejamento foi desenvolvido ao longo de cada aula, tendo em vista que devido aos infortúnios do calendário escolar, não havia como pôr em prática uma oficina específica. A cada aula, pontos importantes que viriam a melhorar a compreensão destas representações eram repassadas como parte da discussão durante a ênfase dada aos mapas presentes no livro didático durante a explicação do conteúdo. Entre estes pontos, estavam a identificação do título para entender do que o mapa se trata, a escala para conseguir quantas vezes aquela representação foi reduzida para compreender determinado espaço representado, a legenda como partes fundamentais para o entendimento etc.

Em prol da efetividade, a cada aula era solicitada uma atividade relacionada a identificação ou reprodução de mapas em acordo com o tema discutido em sala de aula. Essas atividades consistem em diferentes métodos, entre eles, desenho, indicação, legendagem, entre outros, como está exemplificado na figura 2.

Figura 2: Atividade referente a temática de Hidrografia do Brasil através dos métodos de desenho e identificação.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

De acordo com Bismarck (2000, p. 1), [...] o desenho institui-se como um espaço privilegiado de investigação, no desemaranhar dos fios do pensamento, em que, desenhar é como clarificar os passos, percursos e estratégias da nossa consciência, trazendo-os à superfície do suporte.

Ademais, através de atividades como a anteriormente exemplificada que constata-se o êxito da prática interventiva, analisando como houve um desenvolver na habilidade de leitura

e interpretação de representações cartográficas e como este novo conhecimento será benéfico para todos os alunos envolvidos neste projeto de pesquisa. Por fim, cabe o questionamento, qual realmente é a causa de determinados déficits existentes em alunos, turmas e escolas? Será apenas desinteresse do aluno? Será comodismo diante o ensino superficial por parte do professor? Será a não implementação de novas metodologias que acrescentem aos conteúdos? Dessa forma, para fins de reflexão, entrego-lhes estas perguntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática em sala de aula com mapas é capaz de oferecer possibilidades de trabalho em funções amplas, pois possui grande relevância para o desenvolvimento do pensamento espacial dos estudantes da escola básica, e que essa dimensão da inteligência é essencial para a cidadania consciente e para o exercício das mais diversas atividades profissionais e cotidianas.

A utilização de mapas é uma ponte para a promoção da consciência global e cultural. Ao explorar mapas que representam diferentes regiões do mundo, os alunos têm a oportunidade de desenvolver empatia e compreensão intercultural. Isso não apenas amplia suas perspectivas, mas também contribui para a formação de cidadãos globais conscientes, capazes de apreciar e respeitar a diversidade cultural e geográfica que caracteriza nosso planeta. Sendo assim, a prática em sala de aula com cartografia fomenta a criatividade e a expressão individual dos alunos. Ao criar seus próprios mapas, os estudantes podem representar visualmente suas ideias e compreensões, promovendo uma aprendizagem mais envolvente e personalizada. A cartografia, assim, não apenas fornece um meio para explorar conceitos abstratos, mas também oferece uma plataforma para que os alunos expressem suas perspectivas únicas sobre questões sociais, ambientais e culturais. Ao incorporar a cartografia como uma ferramenta pedagógica, os educadores capacitam os alunos a se tornarem pensadores críticos, exploradores do conhecimento e agentes ativos na construção de seu entendimento do mundo.

Dessa forma, considera-se que os resultados obtidos foram satisfatórios, considerando que houve um retorno positivo, onde os alunos conseguiram compreender o conteúdo de um modo dinâmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISMARCK, M. **DESENHAR É O DESENHO**. Origem não identificada. Praia da Granja, 2000. 3 p. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19089/2/470.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (1.a a 4.a séries). Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTELLAR, S.M.V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. Caderno CEDES, Campinas, n.25, p. 209-225, 2005.

LUNKES, R. P., & Martins, G. **ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**. Origem não identificada. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1057-4.pdf>. Acesso em 21. nov. 2011.

OLIVEIRA, Ederson Dias de *et al.* ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA:: práticas pedagógicas nos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, p. 274-291, dez, 2016. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/327/216>. Acesso em: 21 nov. 2022.

_____. PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.166p.

STRAFORINI, R. A totalidade do mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, v.I, n.18, p.95-114, jan./jun. 2002.